



NUNO CAMARNEIRO
Universidade
de Aveiro
nfc@ua.pt

HONRAS DE PANTEÃO

A recente transladação dos restos mortais de Eça de Queiroz do Cemitério de Santa Cruz do Douro, no concelho de Baião, para a Igreja de Santa Engrácia, o designado Panteão Nacional, foi motivo de debate e de alguma reflexão em torno do modo como o nosso país escolhe os seus notáveis e de que forma estes são distinguidos.

O Panteão Nacional começou por ser chamado Monumento Público Consagrado à Memória dos Grandes Homens e foi decretado a 26 de Setembro de 1836 pelo secretário de Estado dos Negócios do Reino, Passos Manuel, vindo a ser inaugurado 130 anos mais tarde, a 7 de Dezembro de 1966, com missa presidida pelo cardeal Cerejeira e na presença do Presidente da República, Américo Tomás, e do presidente do Conselho, Oliveira Salazar. Terminavam assim as famigeradas “Obras de Santa Engrácia” e ficou consagrado que “Ninguém deixará de ter disposto o ânimo para grandes empresas, sabendo que debaixo do venturoso Reinado de Vossa Magestade não ficará nunca o merecimento sem o devido galardão”, como se pode ler no decreto original.

A discussão em torno da transladação de Eça de Queiroz, com a oposição de parte dos descendentes e o firme apoio e a promoção de Afonso Reis Cabral, trineiro do escritor, presidente da fundação com o nome do trisavô e ele mesmo escritor, foi o ponto de partida para um debate mais vasto. Afinal, quem deve ter honras de panteão, e quem o decide? E, talvez ainda mais fundamental: para que serve um panteão?

Todas as nações tendem a glorificar os seus filhos dialectos, é uma forma de construir a memória comum, de enaltecer os que por esforços, méritos e talentos se distinguiram e de promover a identidade nacional.

À margem dos demais debates, resolvi debruçar-me

sobre os moradores do nosso e dos demais panteões, por mais ou menos oficiais que estes sejam. Na dita Igreja de Santa Engrácia, o Panteão oficial, temos seis cenotáfios (túmulo ou monumento fúnebre em memória de alguém cujo corpo não jaz ali sepultado): quatro navegadores/descobridores, um militar e um poeta. Há depois 13 túmulos: sete escritores, três políticos, um militar, uma fadista e um futebolista. Finalmente, está lá presente a lápide do diplomata Aristides de Sousa Mendes. Dentre os demais locais onde jazem figuras com honras de panteão e que se distribuem pelo Mosteiro dos Jerónimos, o Mosteiro de São Vicente de Fora, o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, contam-se 15 reis e rainhas, dois patriarcas de Lisboa, dois militares, três escritores/poetas e um navegador.

Todas estas figuras se contam por entre as mais nobres e ilustres da nação, mas olhando para os seus prósperos, fica a pergunta: onde estão os cientistas da nação? Que destino lhes foi dado? Onde estão sepultados Pedro Nunes, Garcia de Orta, Francisco de Holanda ou Egas Moniz? Onde podemos render-lhes homenagem?

Em França, no Panteão de Paris, situado no 5.º *arrondissement*, em pleno Quartier Latin, além dos insuspeitos Voltaire, Rousseau, Victor Hugo, Émile Zola ou Alexandre Dumas, encontramos também os nomes de Lagrange, Carnot, Berthelot, Langevin, Gaspard Monge ou Pierre Curie, nomes ligados às várias ciências e jus-

tamente celebrados. Em Inglaterra, na Abadia de Westminster, que não sendo exactamente um panteão, acaba por desempenhar a mesma função, estão ali sepultados, além dos muitos monarcas, políticos, escritores e músicos (tais como Isabel I, Maria da Escócia, Carlos II, Churchill, Samuel Johnson, Jane Austen, Dickens ou Händel), alguns dos maiores cientistas da História (inglesa e universal), como Newton, Lord Kelvin, Rutherford, Darwin ou Stephen Hawking.

Fica então a pergunta: onde estão sepultados os nossos maiores cientistas e porque não há um único dentro do panteão? Deixo-vos o desafio, procurem-nos e, se puderem, vão lá acender uma velinha ou, melhor ainda, um bico de Bunsen. Que cada um de nós construa, na sua memória, o seu próprio panteão.

QUER SER SÓCIO DA SPM?

CONSTRUA UMA
BANDA DE MÖBIUS
COM ESTA PÁGINA

COMO SER SÓCIO DA SPM

Para ser Sócio SPM basta preencher o formulário online, escolher a modalidade de quota e a forma de pagamento.

JÁ FOI SÓCIO E QUER VOLTAR A SER?

Faça a adesão ao pagamento por débito direto e apenas pagará as quotas em atraso dos últimos dois anos. Contacte-nos!

VALOR DE QUOTAS:

Sócio Efetivo: 40 euros

Sócio Estudante: 20 euros
(até aos 25 anos ou até aos 30 mediante comprovativo de frequência de mestrado).

Institucionais

Escolar: 80 euros

Académico: 400 euros

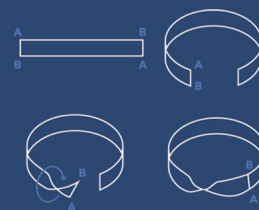
Corporativo: 600 euros

CARTÃO DIGITAL DE SÓCIO SPM

A partir de agora, todos os sócios da SPM podem descarregar o seu cartão digital de sócio através da sua área pessoal. Deste modo, terão sempre disponíveis os seus cartões atualizados.

VANTAGENS DOS SÓCIOS SPM:

- recebem gratuitamente a *Gazeta de Matemática* (quadrimestral) e o *Boletim da Sociedade Portuguesa de Matemática* (semestral).
- desconto na Loja (10% ou mais), nos eventos e ações do Centro de Formação SPM
- desconto de 50% no Pavilhão do Conhecimento
- desconto nos Livros IST Press e na Livraria Piaget de 30%.



spm
SOCIEDADE PORTUGUESA DE MATEMÁTICA

INFORMAÇÕES

Av. da República, 45 3.º esq
1050-187 - Lisboa

Tel.: 217 939 785

E-mail: spm@spm.pt

www.spm.pt

